

a importância do catolicismo na formação social italiana. As principais reflexões gramscianas sobre o tema foram traduzidas sob o título *Maquiavel, A Política e o Estado Moderno*.

Entendemos que a sedução das guerras camponesas anabatistas sobre o pensamento marxista pode ser compreendida pelo fato de que pela primeira vez nos tempos modernos – não podemos esquecer das heresias medievais, verdadeiros movimentos de contestação à ordem estabelecida – uma classe social se levantava em armas contra a opressão vigente tendo como matriz ideológica a religião cristã, tomando como justificativa para suas reivindicações os próprios textos bíblicos, usados secularmente de forma ideológica para legitimar a submissão das camadas populares e a exploração dos poderosos. As “fantasias quiliásticas” ou milenaristas dos primeiros cristãos, que esperavam um reino de mil anos de paz e felicidade, tornaram-se base para exigências espada na sociedade em que viviam, não apenas no coração dos fiéis como pregavam os reformadores moderados, vinculados à burguesia.

Em 1880, Engels escreveu *Do Socialismo utópico ao Socialismo Científico*, uma obra na qual analisou o papel desempenhado pela religião nas chamadas revoluções burguesas. Na sua concepção, na primeira revolução emancipatória da burguesia, a Reforma Protestante jogou um papel importantíssimo. Em especial, a Reforma Calvinista, pois “se o reino de Deus era republicano, os reinos deste mundo não podiam permanecer sob o domínio de monarcas, de bispos e senhores feudais.”<sup>32</sup> Um outro movimento burguês, no qual a religião se fez presente, foi a Revolução Inglesa do século XVII. Engels se referiu ao calvinismo da burguesia que colocou em cheque a monarquia absoluta e criou formas representativas de poder, a exemplo do parlamento. No entanto, estudos mais recentes sobre a onda revolucionária do século XVII na Inglaterra trazem à luz um verdadeiro furacão produzido por diversos grupos protestantes dissidentes, não calvinistas, formados pelas camadas mais baixas da população, que além de contestar a monarquia, os bispos anglicanos e a burguesia calvinista, exigiam transformações radicais nas estruturas sociais.

Christopher Hill, mais um marxista fascinado pelos estudos da religião como um elemento catalisador de contestação da ordem, no seu brilhante livro *A Bíblia inglesa e as revoluções do século XVII*, assim opinou:

Os ingleses tiveram de enfrentar situações revolucionárias inesperadas, durante os anos 1640 e 1650, sem nenhuma orientação teórica como a que Rousseau e Marx deram a seus sucessores franceses e russos... A Bíblia em inglês foi o livro ao